

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
ESPECIALIAÇÃO EM ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO - ANE**

Juliana de Paula Almeida

**PROJETO TERRA, ESCOLA VIVA:**

Infância e natureza.

Matinhos

2019

**Juliana de Paula Almeida**

**PROJETO TERRA, ESCOLA VIVA:**

Infância e natureza

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Alternativas para uma Nova Educação

Profª Orientadora: Profa Dra Lenir Maristela Silva

Matinhos

2019



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral  
Curso de Especialização em Alternativas para  
uma Nova Educação

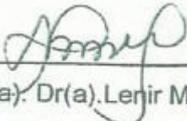


TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA DE PAULA ALMEIDA

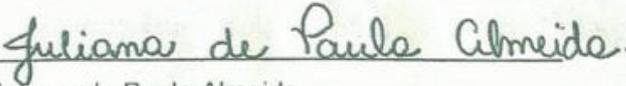
PROJETO "TERRA, ESCOLA VIVA": INFÂNCIA E NATUREZA

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Lenir Maristela Silva  
Orientador(a)

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Francéli Brizolla

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Esp. Josillian Alberton

  
\_\_\_\_\_  
Juliana de Paula Almeida

Matinhos, 07 de dezembro de 2019.

Dedico este memorial a todas as crianças que fizeram e fazem parte da minha caminhada, é graças a elas que continuo acreditando em uma sociedade melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao grande criador em todas as suas faces;

À minha família que sempre me apoiou e incentivou dentro de suas possibilidades;

Ao meu companheiro Hermes que sempre me apoia nos meus projetos;

Aos professores e colegas da ANE pela partilha de momentos que serão inesquecíveis

A toda equipe de trabalho do CMEI Professora Raquel Silvino da Silva, minhas companheiras que muito me ensinam e contribuem na minha formação pessoal e profissional, em especial a amiga Adriana Eli Souza, minha grande companheira de trabalho e incentivadora.

Por viver muitos anos dentro do mato  
moda ave  
O menino pegou um olhar de pássaro —  
Contraíu visão fontana.  
Por forma que ele enxergava as coisas  
por igual  
como os pássaros enxergam.  
As coisas todas inominadas.  
Água não era ainda a palavra água.  
Pedra não era ainda a palavra pedra.  
E tal.  
As palavras eram livres de gramáticas e  
podiam ficar em qualquer posição.  
Por forma que o menino podia inaugurar.  
Podia dar às pedras costumes de flor.  
Podia dar ao canto formato de sol.  
E, se quisesse caber em uma abelha, era  
só abrir a palavra abelha e entrar dentro  
dela.  
Como se fosse infância da língua.

Manoel de Barros

## RESUMO

O presente relato é um apanhado de memórias, vivências e experiências que me acompanham na busca por Alternativas para uma Nova Educação, baseada nos princípios éticos que inspiram a ANE e que também são os princípios da Educação Infantil: autonomia, solidariedade e responsabilidade.

As ações realizadas no CMEI Professora Raquel Silvino da Silva buscaram fortalecer o diálogo entre os profissionais da equipe, o aprofundamento da pesquisa de temáticas relacionadas à primeira infância, o brincar e o interagir com a natureza e com o meio em que está inserida como direito da criança, fenômeno cultural e de apropriação dos espaços.

**Palavras-chave:** Educação infantil – brincar e interagir – direitos da criança

## **ABSTRACT**

The present report is a collection of memories, experiences and experiences that accompany me in the search for Alternatives for a New Education, based on the ethical principles that inspire ANE and that are also the principles of Early Childhood Education: autonomy, solidarity and responsibility. The actions carried out at CMEI Professora Raquel Silvino da Silva sought to strengthen the dialogue between the team's professionals, the deepening of research on themes related to early childhood, playing and interacting with nature and the environment in which it is inserted as a right of child, cultural phenomenon and appropriation of spaces.

**Keywords:** Early childhood education - playing and interacting - children's rights

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: O QUE É ANE? MATERIAL PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO CURSO.....	17
FIGURA 2: JORNAL INFORMATIVO ANE.....	19
FIGURA 3: COMISSÃO DE “DESFORMATURA”.....	20
FIGURA 4: EIXOS DE TRABALHO.....	23
FIGURA 5: CARTAZ DA IX CONANE CAIÇARA.....	24
FIGURA 6: PALESTRA DE TEREINHA RIOS.....	25
FIGURA 7: INTERAÇÃO ENTRE OS PROJETOS NA CONANE CAIÇARA.....	26
FIGURA 8: JOGO DE UNO EM LIBRAS.....	26
FIGURA 9: APRESENTAÇÃO DO PROJETO TERRA, ESCOLA VIVA NA IV CONANE CAIÇARA.....	27
FIGURA 10: PAINEL DO PROJETO TERRA, ESCOLA VIVA.....	28
FIGURA 11: EXPOSIÇÃO DE FOTOS DO PROJETO.....	28
FIGURA 12: AÇÃO NA ASSOCIAÇÃO VILA NOVA.....	29
FIGURA 13: RODA DE CONVERSA EM IBIUNA.....	30
FIGURA 14: 1º ENCONTRO EDUCADOR.....	31
FIGURA 15: 2º ENCONTRO EDUCADOR.....	32
FIGURA 16: 3º ENCONTRO EDUCADOR.....	33
FIGURA 17: ALMOÇO COLETIVO AGROECOLOGICO.....	34
FIGURA 18: AMBIENTANDO O ESPAÇO KIDS.....	35
FIGURA 19: CONSTRUÇÃO COLETIVA DA ESPIRAL DE ERVAS.....	36
FIGURA 20: METODOLOGIA RIO DO TEMPO.....	37
FIGURA 21: FACILITAÇÃO GRÁFICA, METODOLOGIA EM FORMA DE ARTE.....	38
FIGURA 22: MESA DE PARTILHA.....	38
FIGURA 23: ALDEIA PINDOTY.....	39
FIGURA 24: INÍCIO DA LIMPEZA DA ÁREA PARA PLANTIO DA HORTA.....	44

FIGURA 25: TRABALHANDO OU BRINCANDO?.....	45
FIGURA 26: RECONHECENDO O ENTORNO DA ESCOLA.....	46
FIGURA 27: CONTEMPLANDO A BELEZA	46
FIGURA 28: PROFESSOR FRANCISCO AMARO, PARCEIRO DO PROJETO.....	47
FIGURA 29: PLANTIO DE MUDAS.....	48
FIGURA 30: PLANTIO DE SEMENTES.....	48
FIGURA 31: REGA DAS PLANTAS.....	49
FIGURA 32: MANUTENÇÃO DO BERÇÁRIO DE MUDINHAS.....	50
FIGURA 33: INÍCIO DO MINHOCÁRIO.....	51
FIGURA 34: OBSERVAÇÃO DO MINHOCÁRIO.....	51
FIGURA 35: ALIMENTAÇÃO DO MINHOCÁRIO.....	52
FIGURA 36: PLANTANDO O PÉ DE AMORA.....	53
FIGURA 37: DIA DA COLHEITA.....	54

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO.....</b>	<b>16</b>
	3.1 As Inter's.....	17
	3.2 As redes.....	21
	3.3 IV Conane Caiçara.....	24
	3.4 Participações em Ações do coletivo ANE.....	30
<b>4</b>	<b>PROJETO TERRA,ESCOLA VIVA.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O aumento das populações urbanas e o crescimento da quantidade de mulheres no mercado de trabalho são algumas das mudanças sociais ocorridas ao longo do século XX e aprofundadas nos últimos trinta anos que levaram ao aumento da demanda nessa etapa da educação básica.

A partir da década de 1990, com a promulgação da LDB 9394/96, a educação infantil deixa de exercer um papel meramente assistencialista e assume as funções de cuidar e educar, oferecendo condições que propiciem a aprendizagem e que contribuam para a formação integral da criança.

A Educação Infantil, assim como as demais etapas do ensino no Brasil, enfrenta grandes desafios, o maior deles creio que seja justamente ter sua importância reconhecida de fato. Outro desafio é ofertar uma escola democrática que reconheça potencialidades, que respeite as individualidades e o protagonismo da criança no seu processo de aprendizagem, mediada por educadores comprometidos com a qualidade do tempo, dos ambientes, das brincadeiras, interações e estímulos oferecidos nessa fase tão importante da vida.

Nesse contexto, as ações realizadas pelo Projeto “Terra, Escola Viva” no CMEI Professora Raquel Silvino da Silva, tiveram como objetivo aproximar crianças e adultos de práticas lúdicas educativas voltadas para a consciência ambiental, o estreitamento das relações entre escola e comunidade, o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e as interações e brincadeiras na natureza como um fenômeno cultural e identitário da infância.

Esse relato procura organizar as ações e experiências vividas na ANE que me ajudaram e fortaleceram na construção e consolidação desse projeto. Os caminhos percorridos, dificuldades e alegrias que constituem educação e educador.

## 2 Memória de Vida

O ano é 1983, o jovem casal que já tinha outros dois meninos embarca mais uma vez na corajosa aventura de ser pai e mãe.

Nasci em São José dos Pinhais, na época meus pais já moravam em um bairro periférico da cidade, próximo da área rural, onde viviam meus avós. Meus pais deixaram o trabalho na roça para trabalhar na indústria e tentar a vida em uma área mais urbanizada. Meu pai tornou-se torneiro mecânico e minha mãe empregada doméstica.

A minha geração talvez tenha sido a última a realmente aproveitar a liberdade da infância, sem medos, sem antibacterianos, sem telas touch screen.

As lembranças que tenho da infância são das brincadeiras no enorme quintal da nossa casa, a horta, o galinheiro, o fogão a lenha, a criançada correndo livre, pulando os muros pra brincar nos quintais vizinhos. A rua era uma festa e a brincadeira corria solta até a hora das mães da criançada chegar do trabalho no final da tarde. Eu, assim como a maioria das crianças da vizinhança, ficava aos cuidados dos avós e dos irmãos mais velhos enquanto a mãe trabalhava.

A vida era difícil e somente depois de adulta e que eu tive noção do quanto nos éramos pobres. Apesar das dificuldades, privações e perrengues, nunca nos faltou o essencial.

Iniciei a vida escolar em 1990, na Escola Municipal Eugênia da Cruz Santos Talamini, onde estudei da 1ª a 4ª série. Era uma escola simples e pequena e foi nela que eu tive contato com o melhor e com o pior do nosso frágil sistema educacional. A escola nos coloca em contato com um universo de histórias, de vivências, de diversidades que nem a própria escola da conta de entender e explicar. Em 1994 iniciei a 5ª série, no Colégio Estadual Chico Mendes onde permaneci até 1996. Foram anos difíceis, lembro-me das vezes que chorei tentando fazer as tarefas de matemática, que pra mim eram algo impossível de se entender.

Em 1997 minha mãe resolveu me mudar de escola, pois, a escola onde eu estudava ofertava o período diurno somente até a 8ª série, quando passava para o

1º ano do ensino médio, o aluno teria que estudar no período noturno. Como minha mãe não se agradava da ideia de eu estudar a noite, me matriculou no Colégio Estadual Costa Viana.

Iniciei o curso de Formação de Docentes, chamado na época de Magistério, sem muitas perspectivas, era muito jovem e ainda não tinha certeza sobre nada, então, apesar de gostar do curso e me sentir bem, não levava muito a sério. Aos treze anos arrumei meu primeiro emprego numa loja de bijuterias, estudava no período da manhã e trabalhava na parte da tarde, então os estágios que faziam parte do curso logo se tornaram um problema, naquele momento, trabalhar representava liberdade e independência, então pra poder me manter no curso e não perder o emprego aceitava as condições exploratórias do empregador.

Em 2001 terminei o curso e comecei a trabalhar em uma creche particular, atuando como auxiliar da professora regente, onde permaneci até 2003 quando conheci a Escola Livre de Teatro, uma experiência que mudaria totalmente a minha concepção de educação.

Iniciei o curso livre de teatro que funcionava aos sábados à tarde, era um mundo de novidades e de possibilidades. Pela primeira vez me senti ouvida, meus sonhos, projetos e opiniões importavam pra alguém.

Junto com a escola de teatro, funcionavam outros projetos paralelamente, tínhamos a Oficina de Bonecos, O Museu do Boneco Animado, O Ciclo de popularização das Artes Cênicas e o Carnaval de Bonecos Gigantes e a manutenção do Teatro de Bolso Iguaçu, tudo mantido pela Prefeitura de São Jose dos Pinhais.

Logo comecei a trabalhar voluntariamente no Projeto, como não estava estudando, não podia ser contratada como funcionária. Fiquei como voluntária até 2004, quando prestei o vestibular apenas com o intuito de no ano seguinte ser contratada, pois bem, passei. E fui cursar Administração, isso mesmo, administração. Não tinha absolutamente nada a ver com o que eu queria, mas, era um curso que meus pais apoiavam que eu fizesse, pois, talvez assim eu deixasse toda aquela história de teatro pra lá, mal sabiam eles que a intenção por trás do curso era justamente ser contratada como estagiaria do Projeto e assim eu ganharia

algum dinheiro fazendo o que eu gostava que era ensinar a construir e manipular marionetes.

Considero esse o início da minha trajetória na educação, foi minha primeira experiência do que era aprender e ensinar em comunidade. A Oficina de Bonecos ofertava um curso aberto à comunidade, em cada módulo o estudante aprendia como confeccionar sua marionete e como manipular.

As turmas eram bem diversas, pessoas de diferentes idades, culturas e condições sociais, o que tornava a experiência muito rica. Estagiei por dois anos.

No início de 2007 veio a reviravolta, em uma semana eu me apaixonei, resolvi trancar a faculdade, largar o estágio e me mudar pro litoral, quase matei minha mãe do coração, aquilo definitivamente passava de todos os limites de tudo que eu já tinha aprontado e ninguém acreditava que poderia acabar bem.

Contrariando todos os palpites de fracasso, cá estou, treze anos depois, não sem antes pensar e sofrer. Os primeiros anos foram muito difíceis, consegui emprego como auxiliar administrativo na Associação Banestado, mas, na realidade eu era uma espécie de “faz tudo”, trabalhava das 14:00 as 22:00hr e tinha só uma folga por semana, no sistema de escala, o que dificultava o retorno aos estudos.

No início de 2008 resolvi iniciar um curso de pedagogia à distância, não era exatamente o que eu tinha sonhado, mas, era o que eu tinha a possibilidade de fazer naquele momento. Em 2011 terminei o curso e em 2012 fiz meu primeiro concurso para ocupar o cargo de professora de ensino fundamental na Prefeitura de Matinhos, passei logo de cara, mas, somente em 2013 comecei a trabalhar.

A primeira escola que trabalhei em Matinhos foi a Escola Wallace Thadeu de Mello e Silva que oferta do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Nesse momento, muitas das minhas convicções e opiniões sobre a educação foram colocadas em xeque.

Percebi que para muitas crianças a escola era um lugar de sofrimento, de afetos negativos, de “engessamento” do corpo, da mente, das emoções.

Senti-me sem esperanças, impotente, parecia que nada daquilo que eu tinha sonhado era possível.

Comecei a pesquisar experiências de homeschooling (educação domiciliar) e de unschooling (desescolarização). Nesse mesmo ano vi pela primeira vez os filmes A educação proibida e Escolarizando o mundo que me abriram os olhos sobre a necessidade de mudanças profundas e que essas mudanças são possíveis.

Esses ideias e questionamentos sobre o nosso sistema educacional ficaram muito latentes em mim durante todos os anos que estive trabalhando com o ensino fundamental.

No ano de 2017, por determinação da Secretária de educação, alguns professores foram remanejados para a educação infantil devido à demanda.

No início fui bastante resistente a essa ideia, confesso que pelo preconceito que eu tinha com a educação infantil, mas, como não nos deixaram muitas escolhas, resolvi que iria viver essa mudança da melhor forma possível.

Fui muito bem recebida e acolhida no CMEI Professora Raquel Silvino, mas, ainda me sentia um peixe fora d'água, trabalhar com crianças tão pequenas era diferente de tudo que eu já tinha experienciado.

Comecei a pesquisar tudo que podia sobre a primeira infância e aos poucos fui compreendendo e me apaixonando.

Em 2018 fiquei sabendo da ANE por uma colega de trabalho, ela estava fazendo o curso e me incentivou a conhecer a proposta e os ideais aneanos. Quando abriram as inscrições me inscrevi e torci muito para ser selecionada. Assim começou a minha jornada na busca por conhecimento e mudanças pessoais e sociais.

### 3 É caminhando que se faz o caminho...

“A ANE é para os fortes”.

Essa foi a frase dita pela professora Lenir dentro do elevador no dia do nosso primeiro encontro em 2018 que ficou na minha mente.

Ela estava tremendamente certa. A ANE tem põe a prova de todas as maneiras. Testa sua integridade, sua responsabilidade, sua lealdade, sua empatia para com o próximo, isso tudo sem que os professores digam uma palavra de reprovação ou aprovação. Cada um é único e livre pra fazer suas escolhas, cada um é aquilo que da conta de ser, como tudo na vida, no fim das contas é você e sua consciência.

A ANE não é uma fórmula mágica. Não espere acordar numa bela manhã e ter se tornado o grande educador “desconstruidão”, tudo é processo, não é tarefa fácil abandonar velhas crenças e costumes. Mas, posso garantir, ela vai te inquietar, te movimentar e quase sem que você perceba ela vai te ajudar com as perguntas e respostas que surgirão.

O primeiro encontro da 2ª temporada da ANE aconteceu no dia 18 de agosto de 2018 e foi marcado pela emoção. Fomos recebidos pelos educadores mediadores e por colegas que fizeram parte da 1ª temporada. O professor Valdo contou um pouco da trajetória do setor litoral e salientou a importância de uma organização curricular voltada para a autonomia do estudante.

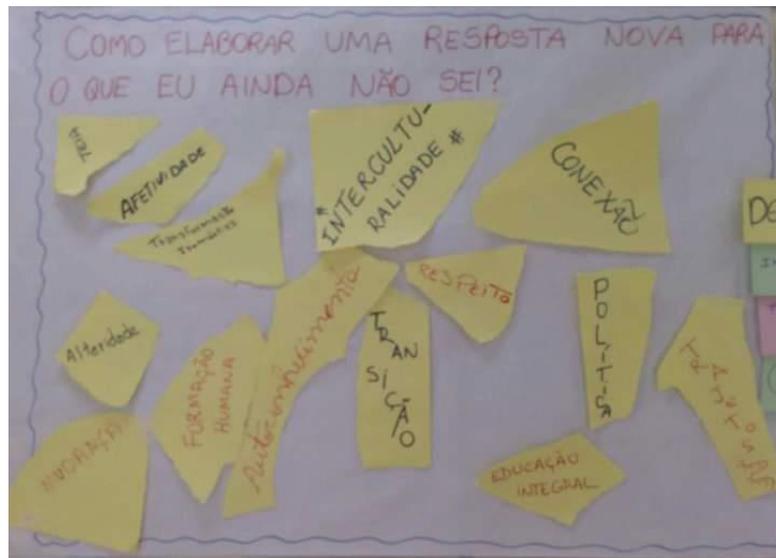
Eu achei aquela grande roda repleta de educadores a coisa mais linda, durante as apresentações dos estudantes me emocionei por diversas vezes com as histórias de vida de cada um, por diversas vezes me vi representada. A pedagogia da roda, criada pelo educador mineiro Tião Rocha, foi uma das metodologias participativas utilizadas pelo coletivo ANE durante todo o curso. Na roda todos estão em pé de igualdade, todo mundo aprende e todo mundo ensina, não importa a idade nem a formação, todos que se sentam a roda são educadores e educandos.

No final do dia saí da sala com milhões de dúvidas e perguntas na cabeça. Afinal o que era a ANE? Qual seria o proposito daquilo tudo na mina vida? Cadê os

cadernos? Os textos gigantescos para ler que existem em toda especialização? Confesso que até a metade do curso ainda não tinha entendido de verdade.

O segundo encontro foi no dia 01 de setembro de 2018. Recebemos como atividade responder algumas questões. O que são alternativas educacionais? Quais alternativas temos para uma nova educação? O que é ANE?

FIGURA 1 – O QUE É ANE? MATERIAL PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES DO CURSO.



FONTE: Samyra Stephans(2018)

Nesse mesmo dia ficamos sabendo qual seria nossa tarefa e um dos requisitos para nossa formação dentro da especialização. Desenvolver um projeto que se apresentasse como alternativa para uma nova educação e que articule as inter's da ANE.

### 3.1 As Inter's

Para Freire (1981) Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, ou seja, o processo de aprendizagem não se faz verticalmente, centrado na figura de um professor, tão pouco se faz sozinho, aprendizagem é processo coletivo, se faz na troca de saberes e na cooperação.

Inspirada pelo Terceiro Manifesto pela Educação e sua carta de princípios, a ANE busca articular valores e princípios éticos como a solidariedade, diversidade, integralidade, realidade, dignidade, responsabilidade, cooperação, autonomia e democracia, que vão de encontro a quebra de paradigmas e ideal de uma educação comunitária, auto e socialmente responsável, fortalecendo as redes através das categorias integradoras. São elas: Interculturalidade, Interdisciplinaridade, Intergeracionalidade, Interterritorialidade, Interinstitucionalidade e Interexperencialidade.

Nosso terceiro encontro em 06 de outubro de 2018 trouxe importantes reflexões. O professor Valentin nos instigou a refletir com a seguinte pergunta: De que maneiras pode-se educar uma criança? Na hora me veio à lembrança um provérbio africano que diz que “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Ele ainda foi além nos questionando Qual é o problema da educação? Perguntas que parecem tão fáceis de responder, mas, que na verdade não são tão simples assim.

Ainda impactados e entristecidos pelo resultado das eleições presidenciais, realizamos o quarto encontro no dia 10 de novembro de 2018, o clima era tenso pelas incertezas do que viria pela frente. O tema gerador nesse dia foi “Planejando as mudanças, o mundo que sonhamos ainda não foi inventado”.

Educar é um ato consciente? Como nos constituímos como educadores e seres humanos? Quais são os elementos obvio e não obvio para a ANE? Qual a função da escola? Quais os desafios da educação? E sobre as propostas dos colegas de Alternativas para uma nova educação, Por que meu colega está propondo isso? Identifico-me ou não com isso? Quais são as forças e potencialidades no espaço social que favorecem o projeto? O que eu posso fazer para diminuir a distância entre a situação atual e situação futura esperada? O que pensam as pessoas que vão trabalhar comigo nesse projeto? Que tipo de ações o meu projeto pode abrir para o coletivo ANE? Que tipo de ajuda eu preciso da ANE para que meu projeto dê certo? Que tipo de habilidades eu posso oferecer para ajudar?

Quantas perguntas desafiadoras, como encontrar as respostas?

O quinto encontro aconteceu no dia 01 de dezembro de 2018, foi um dia dedicado à integração dos membros da rede e convidados. Nesse dia tivemos diversas dinâmicas que propuseram a confiança, o autoconhecimento, a cooperação, a comunicação, a escuta, a partilha e a afetividade. Um momento de confraternização e reflexão sobre o que já havia sido feito e o que faríamos na sequência.

FIGURA 2 – JORNAL INFORMATIVO ANE



FONTE: Paulo Ricardo D'Carvalho (2018)

Iniciamos o ano letivo de 2019 no dia 09 de março, nosso sexto encontro, onde tivemos a oportunidade de falar sobre nossos projetos e entregamos o pré-projeto aos mediadores.

No encontro do dia 06 de abril, pela primeira vez tivemos os trabalhos conduzidos brilhantemente pela fala e dinâmica de uma mulher. A professora Francéli Brizolla nos trouxe uma série de dinâmicas que dividiram o encontro em quatro momentos: “Somos um só!?”, “A Biografia do outro em mim”, “Construção Teórico- Conceitual, os princípios da diversidade” e a “Dinâmica da salada de frutas” onde o professor Paulo Lopes fez uma fala sobre o uso de agrotóxicos na agricultura no Brasil.

As questões propostas foram: Onde minha história se liga com a do outro? Por meio de que me ligo à história dele (a)? Como o reconheço em mim? O que desejo a ele (a)? Preciso dele (a)?

Como, onde, por meio de que, a diversidade e a inclusão estão presentes ou se manifestam no meu projeto de ação? Qual a relação com as “inter’s” da ANE? Quais os riscos de exclusão? Qual o potencial de inclusão? Todos estão tendo acesso?

Chegamos ao oitavo encontro, onde tivemos a “Desformatura” dos colegas aneanos da primeira temporada. Tive a oportunidade de participar da comissão que organizou as dinâmicas desse dia, foi um momento muito especial de integração e de trocas e de carinho com os colegas. Também tivemos a visita do educador Fabricio contando um pouco do seu projeto interdisciplinar.

FIGURA 3 – COMISSÃO DE “DESFORMATURA”



FONTE: Samyra Stephans (2019)

Nosso nono encontro no dia 01 de junho de 2019, foi em “ensaio” para as apresentações dos colegas que tiveram seus trabalhos selecionados para a Conane Nacional. Os mediadores prepararam uma série de cartazes que funcionaram como uma espécie de sabatina aos participantes.

As perguntas contidas nos cartazes ajudaram na organização e sistematização de todos os projetos do coletivo ANE. Eram elas: O que é o projeto? Onde se localiza o projeto? Como consegue recursos para o projeto? Como os cortes na educação atingiram o projeto? Qual o impacto do projeto na comunidade? Como ambicionas a transformação política? Como se aprende cooperação em seu projeto? Qual é a inspiração teórica? Qual e o maior desafio do seu projeto? Seu projeto é uma alternativa no sistema? Como as ações do projeto se interconectam com outras ações e projetos ANE? Qual é o maior desafio do seu projeto? Como os envolvidos participam? Qual o momento mais difícil que viveram? Qual o desafio externo ao projeto? Como vejo meu projeto daqui a dez anos? Como se vive no interior do projeto? O que te inspira a continuar com o projeto? Como se sustenta o projeto? Quais inter's predominam em seu projeto? Qual o motivo mais importante que deu origem ao seu projeto?

Os grupos de trabalho trabalharam em ideias para a divulgação dos projetos na Conane Nacional e na ampliação da rede.

### 3.2 As redes

Muito temos ouvido falar de redes nos últimos anos, especialmente redes sociais, virtuais, mas, e as redes reais?

Segundo Guattari,

“As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...”. (Guattari, 2012, p.7,8)

Com quantos dos seus amigos com os quais você conversava com frequência, você ainda conversa? Quantas vezes por semana você almoça com um familiar? Com quais colegas de trabalho você fala dos teus projetos?

São perguntas que nos fazem pensar em como as relações reais se deterioraram e se tornaram superficiais com o passar dos anos.

O coletivo ANE propõe a criação e fortalecimento de redes de aprendizagem se apoiando mutuamente em prol de interesses e valores comuns, produzindo e compartilhando conhecimento a partir de projetos que se transformam em ações.

O décimo encontro, no dia 06 de julho de 2019, foi marcado pela partilha das vivências dos participantes da IV Conane nacional e a presença da coordenadora Sonia Goulart.

Fui surpreendida e encantada pelo espírito visionário do professor Valdo Cavallet, que nos chamou a pensar nos encaminhamentos não apenas da Conane Caiçara em dezembro de 2019, como também na terceira temporada da ANE em 2020, na V Conane Nacional e no VI ENA, em 2021.

Veio o décimo primeiro encontro, no dia 03 de agosto, dia de auto avaliação, e não poderia ter vindo em pior hora (ou seria melhor hora?).

A proposta de auto avaliação chegou no momento em que eu me sentia mais enfraquecida, entristecida, descrente da consolidação do meu projeto e confusa em relação a minha participação na ANE. Não conseguia enxergar os avanços que já havia conquistado, achava que tudo estava acontecendo de maneira muito lenta e isso me angustiava.

Nesse dia nos reunimos em grupos para conversar sobre o andamento dos projetos e os colegas me tranquilizaram e apoiaram.

No encontro do dia 31 de agosto recebemos a visita de quatro mulheres incríveis compartilhando suas vivências conosco, a delegada Nara de Oliveira, Josi Brasil e Michela Machado, todas mestradas em Ensino, na UNIPAMPA em Bajé – RS e a policial militar Cintia.

Nos grupos de discussão refletimos sobre as diversas vertentes da cultura da violência, desde o uso das mídias para manipulação da realidade gerando assim uma cultura do medo até o papel da escola no dialogo de combate à violência.

No nosso décimo quarto encontro, no dia 09 de novembro, a ANE subiu a serra para conhecer os projetos das colegas de Campo Largo, um lugar onde crenças, tradições e costumes vão aos poucos dando lugar a novas práticas educacionais. Foi um dia rico em experiências e aprendizados.

Finalmente chegamos ao décimo quinto encontro, o último antes da nossa IV Conane – Conferência de Alternativas para uma Nova Educação. A expectativa era grande e a ansiedade tomava conta de todos.

A proposta dos mediadores foi de organizar as apresentações dos trabalhos por eixo, cada estudante pode escolher com qual eixo seu trabalho mais se identificava.

FIGURA 4 – EIXOS DE TRABALHO



FONTE: Acervo particular (2019)

Depois, cada grupo separado por eixo se reuniu para pensar na estrutura, recursos e encaminhamentos, equipamentos equipe necessária para a realização das apresentações.

### 3.3 IV Conane Caiçara

FIGURA 5 – CARTAZ DA IV CONANE CAIÇARA



FONTE: Acervo particular (2019)

A IV Conane Caiçara aconteceu nos dias 05,06, 07 e 08 de dezembro de 2019, depois de um ano e meio de curso, finalmente nossos projetos seriam conhecidos pelo público que veio de várias partes do Brasil prestigiar nossa conferência.

Para mim a Conane foi uma grande novidade, pois, apesar de muito ter ouvido e pesquisado sobre a conferência, esta foi minha primeira participação no evento.

As palestras foram um momento muito especial para mim, sobretudo a palestra da Professora Terezinha Rios, que me encantou com sua simplicidade e sabedoria.

FIGURA 6 – PALESTRA DE TEREZINHA RIOS



FONTE: Acervo particular (2019)

As apresentações dos trabalhos dos colegas oportunizaram revisitar nossa trajetória na ANE. A lembrança de cada diálogo, cada detalhe, história e vivência posto agora em forma de projeto, serviram como uma inspiração para continuar essa busca incerta e cheia de esperanças que é a educação.

As apresentações dos trabalhos do eixo Infância, Alegria e Valores, do qual eu fiz parte, teve suas apresentações programadas para o terceiro dia de conferência, no sábado, 07 de dezembro de 2019.

Não consegui nem dormir na noite anterior tamanha era minha empolgação e ansiedade. Madruguei na universidade para organizar tudo com tempo.

Meus companheiros dentro desse eixo temático foram a Ligia, o Bruno, a Simone e a Nicolle.

Tive a oportunidade de conhecer mais profundamente os projetos maravilhosos que esses colegas desenvolvem. Fiquei emocionada com as interações das crianças que fazem parte do projeto “Xadrez na escola”, desenvolvido pelo companheiro Bruno. A forma de se comunicar, brincar e jogar através da LIBRAS e gestos espontâneos com a Ligia foi maravilhosa, conseguiram em minutos o que nós adultos levamos o curso inteiro para conseguir.

FIGURA 7 – INTERAÇÃO ENTRE OS PROJETOS NA CONANE CAIÇARA



FONTE: Acervo particular (2019)

FIGURA 8 – JOGO DE UNO EM LIBRAS



FONTE: Solange Kehl (2019)

Durante a apresentação do meu Projeto também pude contar com a presença dos companheiros aneanos e com a participação das crianças que fizeram várias perguntas sobre o projeto e também fizeram relatos das lembranças que ainda guardam da época em que eram alunos da Educação Infantil e que foram significantes para eles.

FIGURA 9 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO “TERRA, ESCOLA VIVA” NA IV CONANE CAIÇARA



FONTE: Solange Kehl (2019)

FIGURA 10 – PAINEL DO PROJETO “TERRA, ESCOLA VIVA”



FONTE: Acervo particular (2019)

FIGURA 11 – EXPOSIÇÃO DE FOTOS DO PROJETO



FONTE: Acervo particular (2019)

### 3.4 Participações em Ações do coletivo ANE

Durante o período do curso tive a oportunidade de participar de algumas vivências e conhecer outros projetos e realidades vividas pelos colegas.

Dessas experiências gostaria de destacar a ação realizada pela colega Iara, na Associação de Moradores da Vila Nova Caiobá no dia 12 de outubro de 2018, por ocasião do Dia das Crianças, onde pude conhecer o trabalho social e educacional que vem sendo realizado de maneira autônoma, buscando o fortalecimento da identidade e autoestima dos moradores daquele local. Dessa experiência destaco o protagonismo das mulheres da comunidade que nesse dia trabalharam em prol da realização desse momento, proporcionando uma tarde de brincadeiras, histórias, dança, brinquedos e muito acolhimento.

FIGURA 12 – AÇÃO NA ASSOCIAÇÃO VILA NOVA



FONTE: Acervo particular (2018)

Também gostaria de citar a Vivência na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, no Bairro da Figueira em Ibiúna, estado de São Paulo, no dia 13 de abril de 2019, onde tivemos a oportunidade de conhecer o Projeto emancipatório e a luta coordenada por Mila Zeiger, onde os estudantes são encorajados a construir seus planos de estudo a partir dos seus saberes, contextos sociais e dos interesses manifestados durante as assembleias e rodas de conversa.

FIGURA 13 - RODA DE CONVERSA EM IBIUNA



FONTE: Acervo particular (2019)

No dia onze de maio de 2019, teve início uma série de ações/encontros educadores que constituíram o projeto e Curso de Extensão Educação e Agroecologia, tecendo saberes com educadoras e educadores do litoral, coordenado e mediado pela colega e professora Keila Cassia e pelo Professor Paulo Lopes. Posso afirmar que está foi a ação mais significativa para mim durante a especialização Alternativas para uma Nova Educação, pois, compreendi verdadeiramente o sentido de rede tão falado durante o curso, as contribuições dos encontros educadores foram imensas na construção e realização do meu projeto, pois, me ajudou a conhecer melhor a realidade na qual estou inserida e nunca tinha me dado conta.

Uma das metodologias utilizada para a organização do curso foi a Pedagogia da Alternância que consiste no desenvolvimento e articulação de atividades em tempos e espaços alternados. Os encontros presenciais foram realizados na Universidade Federal do Paraná-setor litoral e o tempo comunidade foi realizado nos respectivos territórios dos estudantes.

O primeiro encontro educador aconteceu no dia 11 de maio de 2019 e teve a presença de educadores de todo litoral paranaense, Curitiba e região metropolitana.

Nessa ocasião nos apresentamos, conhecemos um pouco da proposta do curso, as metodologias participativas e os princípios da agroecologia. Também nesse encontro recebemos nossa primeira tarefa do tempo comunidade, que nos desafiava a olhar e refletir sobre o território em que estamos inseridos.

Foi uma atividade muito rica e que contribuiu muito para que eu conhecesse e reconhecesse características do território.

FIGURA 14 – 1º ENCONTRO EDUCADOR



FONTE: Paulo Lopes (2019)

No segundo encontro, no dia 15 de junho de 2019, os representantes de cada território (cidades onde trabalham) apresentaram os resultados da pesquisa do tempo comunidade, apontando as realidades locais.

A cada encontro novas metodologias participativas nos eram apresentadas de modo a facilitar o trabalho de pesquisa e sistematização.

Com base nas informações coletadas na primeira pesquisa do tempo comunidade, iniciamos o diagnóstico socioambiental participativo, utilizando a metodologia da FOFA (fortalezas, oportunidades, fraquezas, ameaças) como ferramenta.

FIGURA 15 – 2º ENCONTRO EDUCADOR



FONTE: Paulo Lopes (2019)

Nosso terceiro encontro aconteceu no dia 10 de agosto de 2019, quando tivemos a presença do Professor Marcos Sorrentino e da Professora Simone Portugal, que naquela ocasião nos apresentaram a metodologia das Oficinas de futuro e demos inicio as problematizações.

A Oficina de futuro consiste na realização de uma atividade coletiva muito simples, porém, muito significativa.

Todos recebem quatro tarjetas de cores diferentes. Na primeira tarjeta deve ser escrito qual é o seu sonho em uma palavra. Na segunda tarjeta a potencialidade desse sonho. Na terceira tarjeta, os problemas que podem impedir a realização desse sonho. Na quarta e ultima tarjeta coloca-se uma palavra referente a ação ou proposta de intervenção.

FIGURA 16 – 3ºENCONTRO EDUCADOR



FONTE: Acervo particular (2019)

No nosso 4º encontro que aconteceu no dia 28 de setembro de 2019, nesse dia trabalhamos a introdução ao planejamento participativo e compartilhamos um almoço coletivo agroecológico a partir de plantas alimentícias não convencionais.

A atividade proposta para o planejamento participativo foi a Matriz de Priorização de Problemas. Numa planilha simples e depois de dialogar com os coletivos de cada território, (leia-se escola, bairro, associação) deveríamos apontar os principais problemas e seu grau prioridade, depois fazer uma votação onde cada componente apontaria seu voto para a categoria de prioridade, sempre levando em conta o tempo, a viabilidade de resolução do problema, sua urgência e importância.

Nesse dia tive a oportunidade de contribuir com a ação da colega Keila organizando o espaço kids, que foi uma das demandas apontadas no encontro anterior. Tivemos crianças participando de todos os encontros, então, como uma forma de contribuir com o coletivo e tornar o curso uma experiência mais interessante para as crianças que acompanhavam os pais, preparei um cantinho ambientado onde elas pudessem interagir e brincar.

FIGURA 17 – ALMOÇO COLETIVO AGROECOLOGICO



FONTE: Paulo Lopes (2019)

FIGURA 18 – AMBIENTANDO O ESPAÇO KIDS



FONTE: Keila Cassia (2019)

No dia 26 de outubro de 2019, aconteceu nosso 5º encontro. Nesse dia tivemos atividade prática com a presença do colega Max que nos conduziu na construção de uma espiral de ervas. Depois, trabalhamos a importância dos registros e sistematização do conhecimento para a realização e organização das ações.

FIGURA 19 – CONSTRUÇÃO COLETIVA DA ESPIRAL DE ERVAS



FONTE: Paulo Lopes (2019)

O sexto encontro aconteceu no dia 30 de novembro de 2019, nesse dia tivemos a apresentação das ações que estão sendo realizadas dentro de cada território, onde cada estudante pode escolher a forma de sistematização e apresentação.

Também trabalhamos metodologias de avaliação, dentre elas posso destacar a metodologia Rio do tempo, onde tivemos oportunidade de refletir sobre as origens, os processos, ações, os desafios, ações contrárias, empecilhos, recursos, enfim, tudo que nos afetou de forma positiva ou negativa e seus desfechos dentro de cada projeto ou ação de transição agroecológica.

Assim como na ANE, durante todo o curso foi utilizada a pedagogia da roda ou círculos de cultura, escuta e respeito por todos os participantes.

Dentro de todos os encontros tivemos a metodologia da instalação artístico pedagógica e a Facilitação Gráfica como ferramenta de registro e sistematização das atividades. Por meio dela os estudantes que por algum motivo estiveram ausentes, podem ter uma ideia geral de tudo que foi realizado.

Destaco também a mesa de partilha de lanchinhos agroecológicos que sempre eram um momento em que alimentávamos corpo e afetos com conversas e reflexões ao redor da mesa.

Encerramos as atividades de 2019 com grande gratidão por todos os momentos e aprendizados compartilhados que muito enriqueceram a minha prática e torcendo pela continuidade desse projeto tão valioso que foi o curso de Extensão Educação e Agroecologia, Tecendo Saberes com Educadores e Educadoras do Litoral.

FIGURA 20 – METODOLOGIA RIO DO TEMPO



FONTE: Paulo Lopes(2019)

FIGURA 21 - FACILITAÇÃO GRÁFICA, METODOLOGIA EM FORMA DE ARTE



FONTE: Acervo particular (2019)

FIGURA 22 – MESA DE PARTILHA



FONTE: Acervo particular (2019)

No dia 25 de outubro de 2019 tivemos a oportunidade de conhecer a Escola Estadual Indígena Pindoty, localizada na Ilha da Cotinga em Paranaguá – PR, onde as colegas Taciana e Franci trabalham e estão desenvolvendo seus projetos ligados à educação ambiental, horta escolar, segurança alimentar e melhorias no entorno da escola. Nesse mesmo dia também pude participar e conhecer mais sobre o Projeto MEL- Mulheres Empreendedoras e Líderes, coordenado pela colega Maria Rita, que tem como objetivo usar a rede para apoiar mulheres em seus projetos.

FIGURA 23 – ALDEIA PINDOTY



FONTE: Acervo particular (2019)

#### **4. Projeto Terra, Escola Viva**

Confesso que a ideia inicial de projeto que eu gostaria de realizar na ANE não era um projeto de educação formal, sempre gostei muito de trabalhar com arte educação e a intenção era realizar meu projeto dentro de uma comunidade. Mas, por uma série de motivos isso não foi possível, então tive que me adaptar. Acho que

isso também faz parte do aprendizado, saber a hora de ceder, a hora avançar e ganhar espaço, enfim, educação requer paciência e discernimento.

Pois bem, a ideia do Projeto “Terra, Escola viva” surgiu meio no susto, mas, nem por isso com menos comprometimento e amorosidade. Apresentei a proposta para a minha gestora e ela aprovou a ideia.

O Projeto “Terra, Escola Viva” nasce da fusão de necessidades e anseios. Necessidade por considerar a importância da temática ambiental para os dias atuais numa visão integrada de mundo que busca por ações que possam ajudar a reverter os problemas causados por nós mesmos quando esquecemos que somos apenas um fio na teia que tece a vida.

A escola tem desperdiçado a oportunidade de “alfabetizar ecologicamente” as crianças formando pessoas conscientes da sua interdependência com o meio ambiente. Para Tiriba (2018, p.185) o desafio, agora, é educar na perspectiva de uma nova sociedade. Assim, já não basta ensinar as crianças a pensar o mundo, a compreender os processos naturais e culturais. É preciso que elas aprendam a conservá-lo e a preservá-lo.

#### Para Gadotti

Não aprendemos a amar a Terra lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral. A experiência própria é o que conta. Plantar e seguir o crescimento de uma árvore ou plantinha, caminhando pelas ruas da cidade ou aventurando-se numa floresta, sentindo o cantar dos pássaros nas manhãs ensolaradas ou não, observando como o vento move as plantas, sentindo a areia quente de nossas praias, olhando para as estrelas numa noite escura. Há muitas formas de encantamento e de emoção diante das maravilhas que a natureza nos reserva. É claro, existe a poluição, a degradação ambiental para nos lembrar de que podemos destruir essa maravilha e para formar nossa consciência ecológica e nos mover à ação. (GADOTTI, 2000,p.86)

Anseio pelo desemparedamento da infância, que procura oferecer meios efetivos através de recursos lúdicos e contato direto com a natureza, colocando a criança como protagonista de sua própria aprendizagem a partir de suas experiências, respeitando o brincar e o interagir como direitos da criança.

Para Tiriba (2018, p.198) a natureza é o local onde historicamente os seres humanos interagem e brincam. Tomando a escola como lugar fundamental na

organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção de cada professora, mas um direito.

A criança é um ser integral e relaciona-se com o mundo a partir de vivências concretas com diferentes interações e linguagens. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil destacam em seu Art. 3º:

“O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”.

O principal objetivo do projeto é oferecer meios para que a criança se reconheça como parte integrante da natureza, do meio ambiente em que está inserida e, portanto responsável pelo bem estar dos demais seres vivos que se inter-relacionam na constituição e manutenção da vida, articulando conteúdos, processos pessoais e sociais de maneira lúdica, promovendo a educação integral da criança na escola e comunidade do seu entorno, por meio da construção de uma horta, incorporando uma prática sustentável e ambientalmente saudável.

Para Gadotti:

O universo não está lá fora. Está dentro de nós. Está muito próximo de nós. Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e ao cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação. Todas as nossas escolas podem transformar-se em jardins e professores-alunos, educadores-educandos, em jardineiros. O jardim nos ensina ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade, e gênero.(GADOTTI,2003,pg.62,)

Tiriba ressalta que:

As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com um sentimento de bem-estar, em que há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer. Um dos efeitos do manuseio de barro, da areia, da argila é o de proporcionar equilíbrio. (TIRIBA, 2018, p.202)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil destacam em seu Art.6º: As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Seguindo o que preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, nossa intenção ao propor o projeto é viabilizar o conhecimento do educando a identificar os seres vivos, perceber a diversidade de plantas, animais e a inter-relação e interdependência entre os mesmos, valorizando o trabalho em equipe, a cooperação, ou seja, o papel do outro no processo de aprendizagem.

Desenvolver de forma lúdica e interdisciplinar conteúdos das diversas áreas do conhecimento.

Segundo Luckesi (2000, p. 97) a ludicidade “é representada por atividades que propiciam experiência de plenitude e envolvimento por inteiro, dentro de padrões flexíveis e saudáveis.”.

Perceber os fenômenos naturais e suas relações com a vida, assim como apreciar e valorizar a biodiversidade adotando uma postura de respeito e preservação do Meio Ambiente.

Para Tiriba:

Essas experiências não podem ser eventuais, devem estar no coração do projeto político pedagógico, constituindo-se como rotina. De tal forma que as crianças tenham acesso direto e frequente, reguem, participem da limpeza da horta, da colheita, do plantio, dos cuidados necessários ao crescimento são dos frutos da terra. Isso nada tem a ver com as experiências em que as crianças “plantam” feijão sobre o algodão molhado no copinho e depois que ele brota jogam tudo no lixo. Se abandonarmos o minhocário depois que as crianças entendem a importância da minhoca no trato agrícola; se deixarmos sem água as mudas recém-brotadas, se mantivermos em

cativeiro os animais tão comuns nos pátios das escolas, como porquinho-da-índia e jabuti, ensinaremos a meninos e meninas uma visão utilitarista da natureza, atitudes de desrespeito aos seres vivos. (TIRIBA, 2018, p.234)

Segundo a LEI No 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999, que dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Assim sendo, o Projeto “Terra, Escola Viva” pretende articular, mediar e organizar interações de forma construtiva e integrada, respeitando os saberes trazidos pela criança e convidando-a a despertar suas potencialidades que permitam seu desenvolvimento de forma cooperativa, responsável, solidaria e feliz.

Apresento a seguir um breve relato das ações desenvolvidas pelo projeto durante o ano de 2019. Serão descritos alguns procedimentos e atividades realizados com sucesso e que mostram um pouco da nossa trajetória.

O Projeto acontece no CMEI Professora Raquel Silvino da Silva, município de Matinhos.

Atualmente a escola atende 80 crianças de zero a quatro anos, do berçário 1 ao maternal 2.

As atividades do Projeto foram realizadas nas turmas do Maternal 1A e Maternal 1C, onde eu era a professora regente.

Iniciamos as atividades propostas no Projeto no mês de abril de 2019, ainda de forma tímida, pois, a escola não disponibiliza de recursos financeiros para investir e a princípio nem todos quiseram se envolver.

Desenvolvi algumas atividades de sensibilização voltadas para as questões ligadas à natureza, como brincadeiras, contação de histórias e manipulação de elementos naturais.

Iniciei uma campanha pedindo doação de terra preta aos pais das crianças e tivemos algum resultado, mas, ainda não era o suficiente, pois, o terreno da escola é bem irregular e quando chove empocha água nas partes mais baixas.

FIGURA 24 – INICIO DA LIMPEZA DA ÁREA PARA PLANTIO DA HORTA



FONTE: Acervo particular (2019)

FIGURA 25 – TRABALHANDO OU BRINCANDO?



FONTE: Acervo particular (2019)

Paralelamente a construção da horta, outras ações voltadas para o brincar e interagir ocupando os ambientes eram realizadas.

Nossa primeira ação do projeto realizada em 05 de junho de 2019 foi um passeio no entorno da escola, reconhecendo o ambiente, as plantas e visitando a praia.

Segundo Tiriba:

É fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses locais podem também ser explorados como lugar de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que as crianças, ao brincar, pesquisem e se apropriem de uma diversidade de conhecimentos. (TIRIBA, 2018, p.235)

FIGURA 26 – RECONHECENDO O ENTORNO DA ESCOLA



FONTE: Acervo particular (2019)

FIGURA 27 – CONTEMPLANDO A BELEZA



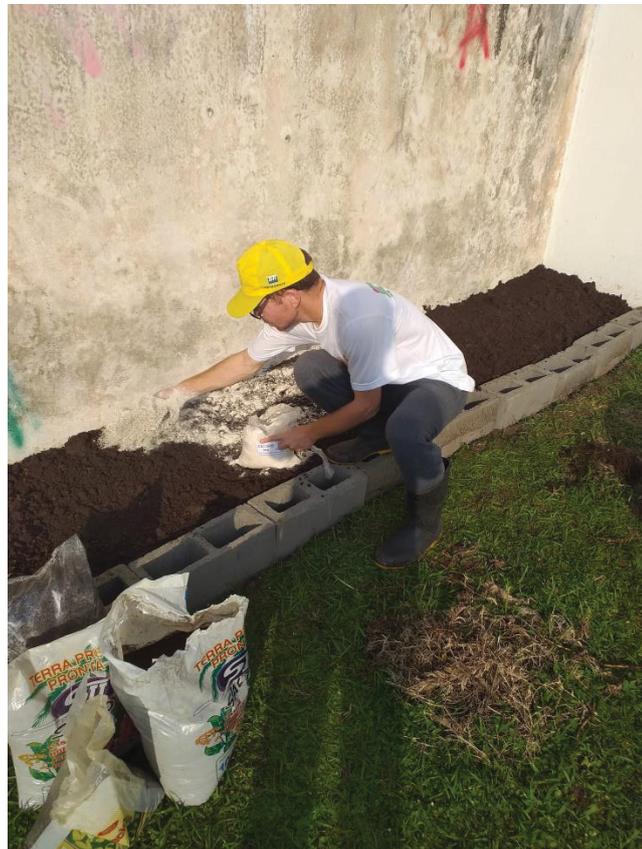
FONTE: Acervo particular (2019)

Durante todo o período de aplicação do projeto, procurei o apoio de pessoas que poderiam me auxiliar. Foi nesse momento que eu entendi o sentido da formação de rede. A rede não é necessariamente os integrantes da ANE, a rede são as

peças que fazem parte do seu círculo de amigos, colegas de trabalho, vizinhos que acreditam nos mesmos princípios que você e estão dispostos a investir seu tempo e recursos na sua ideia.

Pedi ajuda ao professor Francisco Amaro e ele prontamente me atendeu auxiliando na construção dos canteiros e doação de terra, calcário e do vermicomposto para fertilização.

FIGURA 28 – PROFESSOR FRANCISCO AMARO, PARCEIRO DO PROJETO.



FONTE: Acervo particular (2019)

Recebemos algumas doações e após a construção dos canteiros demos início ao plantio das primeiras mudas e sementes, no mês de julho.

FIGURA 29 – PLANTIO DE MUDAS



FONTE:Acervo particular(2019)

FIGURA 30 – PLANTIO DE SEMENTES



FONTE:Acervo particular(2019)

As crianças visitam a horta diariamente para ver o desenvolvimento das plantas, ajudar na manutenção e rega dos canteiros, reconhecer insetos e outros bichinhos que vivem dentro desse ecossistema.

O trabalho com crianças pequenas exige escuta e sensibilidade atentas, cada pergunta, cada comentário, cada olhar é uma oportunidade de interação e comunicação.

Assim como é importante ensinar é importante compartilhar, pois quando compartilho meu sentimento ao ver um brotinho crescendo, ou quando falo da minha curiosidade em saber como é o formigueiro embaixo da terra, as crianças reagem de maneira muito mais espontânea do que se eu tentasse dar-lhes explicações teóricas

FIGURA 31 – REGA DAS PLANTAS



FONTE: Acervo particular(2019)

É fundamental envolver a criança em todas as atividades, chamando a sua atenção aos sons, aos aspectos interessantes que um inseto pode ter, fazendo

perguntas sobre determinada situação e também permitindo que ela tenha suas experiências diretas.

FIGURA 32 – MANUTENÇÃO DO BERÇARIO DE MUDINHAS



FONTE: Acervo particular(2019)

Iniciamos a experiência com o minhocário no mês de agosto, sem muitas expectativas, pois, como se tratam de crianças bem pequenas pensamos que talvez não fosse despertar interesse, mas, aconteceu justamente o contrário, a manutenção do minhocario se tornou uma das atividades preferidas por todos.

Para o ano letivo de 2020 pretendemos melhorar a estrutura e aumentar o tamanho do minhocário conseguindo assim também aproveitar uma maior quantidade de material orgânico que é gerado na cozinha da escola.

Também vamos iniciar a separação dos materiais recicláveis que ainda não é feita e tentar destinar para alguma cooperativa de reciclagem local.

FIGURA 33 – INICIO DO MINHOCÁRIO



FONTE:Acervo particular (2019)

FIGURA 34 – OBSERVAÇÃO DO MINHOCÁRIO



FONTE:Acervo particular (2019)

## FOTO 35 - ALIMENTAÇÃO DO MINHOCÁRIO



FONTE: Acervo particular (2019)

É sabido que a criança aprende com o corpo. Ela descobre o mundo através dos cheiros, dos gostos, do toque, explorando o ambiente que a cerca.

Todos os lugares são potentes em ensinar os pequenos, o ambiente é cheio de possibilidades, um verdadeiro laboratório que temos ao nosso dispor. Por que então mante-los em espaços fechados, com poucos estímulos a sua imaginação, criação e investigação?

Para Barbieri (2012):

Temos que escolher e preparar oportunidades maravilhosas para as crianças, porque elas merecem vivê-las e levarão tais experiências consigo. A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia, as pedras, seus formatos e cores, seus pesos e temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores, tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios, montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. (BARBIERI, 2012, p.116)

No mês de setembro realizamos a segunda ação do projeto, foi uma atividade simples, porém muito significativa e proveitosa para todos os que participaram. O plantio da nossa primeira árvore.

## FOTO 36 – PLANTANDO O PÉ DE AMORA



FONTE: Acervo particular (2019)

O ponto alto das dinâmicas na horta é sem dúvida o dia da colheita, finalmente o sabor dos frutos do trabalho. As crianças ficaram bastante felizes e entusiasmadas ao entregar aquilo que colheram para a cozinheira da escola preparar.

Alguns me perguntam o que eu ganho investindo meu tempo e recursos, o que eu ganho usando meu dia de hora atividade para capinar horta, fazer manutenção de minhocário. Eu ganho momentos, lembranças, sorrisos, sementeiras colheitas e a certeza de estou tentando fazer o meu melhor.

Encerro esse relato com as palavras de Amyr Klink (2000):

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar suas árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o Oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos fa professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Deixemos também as crianças verem, com seus próprios olhos, pisarem com seus pés e sentirem com suas mãos. E nós professores, adultos, coloquemo-nos na posição de alunos, de crianças também redescobrimo o mundo todos os dias.

FOTO 37 – DIA DE COLHEITA



FONTE:Acervo particular(2019)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da escrita desse memorial posso concluir que estou apenas começando, ainda há muito a ser feito.

Encerro esse ciclo encorajada a continuar minha busca.

O grande aprendizado que levarei comigo é: Não espere pelas condições perfeitas para começar, elas não existem. Entre o real e o imaginário existe o simbólico, o possível de ser feito agora. Então, simplesmente comece. E quando ninguém achar que é possível continue. E se não der conta de fazer sozinho, peça ajuda (isso eu ainda tô aprendendo).

Os avanços conquistados que considero mais significantes são sem dúvida o aprofundamento do diálogo com as companheiras de trabalho e a inclusão do Projeto Terra Escola Viva no Projeto Político Pedagógico da minha escola.

O Projeto Terra Escola Viva segue adiante, semeando e colhendo sonhos e realizações.

Na educação não existe espaço para a acomodação, é um movimento constante que exige de nós atitude para trabalhar pelas mudanças que sabemos necessárias.

A ANE foi sem dúvida o motor propulsor de mudanças profundas na minha prática, reconhecendo minha responsabilidade política e humana de realizar meu trabalho com respeito, ética, amor e coragem, sem os quais não há educação.

## REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?**. Coleção InterAções, São Paulo, Blucher, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho; Ensinar e aprender com sentido**. Editora Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. Série Brasil Cidadão, Editora Peirópolis, Peirópolis, São Paulo, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

KLINK, Amyr. **Mar sem fim**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LUCKESI, Cipriano. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade**. In: LUCKESI, Cipriano (org.). **Ensaio de ludopedagogia**. N.1, Salvador UFBA/FACED, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação - Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica. Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009. Disponível em <[http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005\\_2009.pdf](http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf)>

\_\_\_\_\_. Presidência da República – casa civil – Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm)>

TIRIBA, Lea. **Educação como direito e alegria, em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018.

